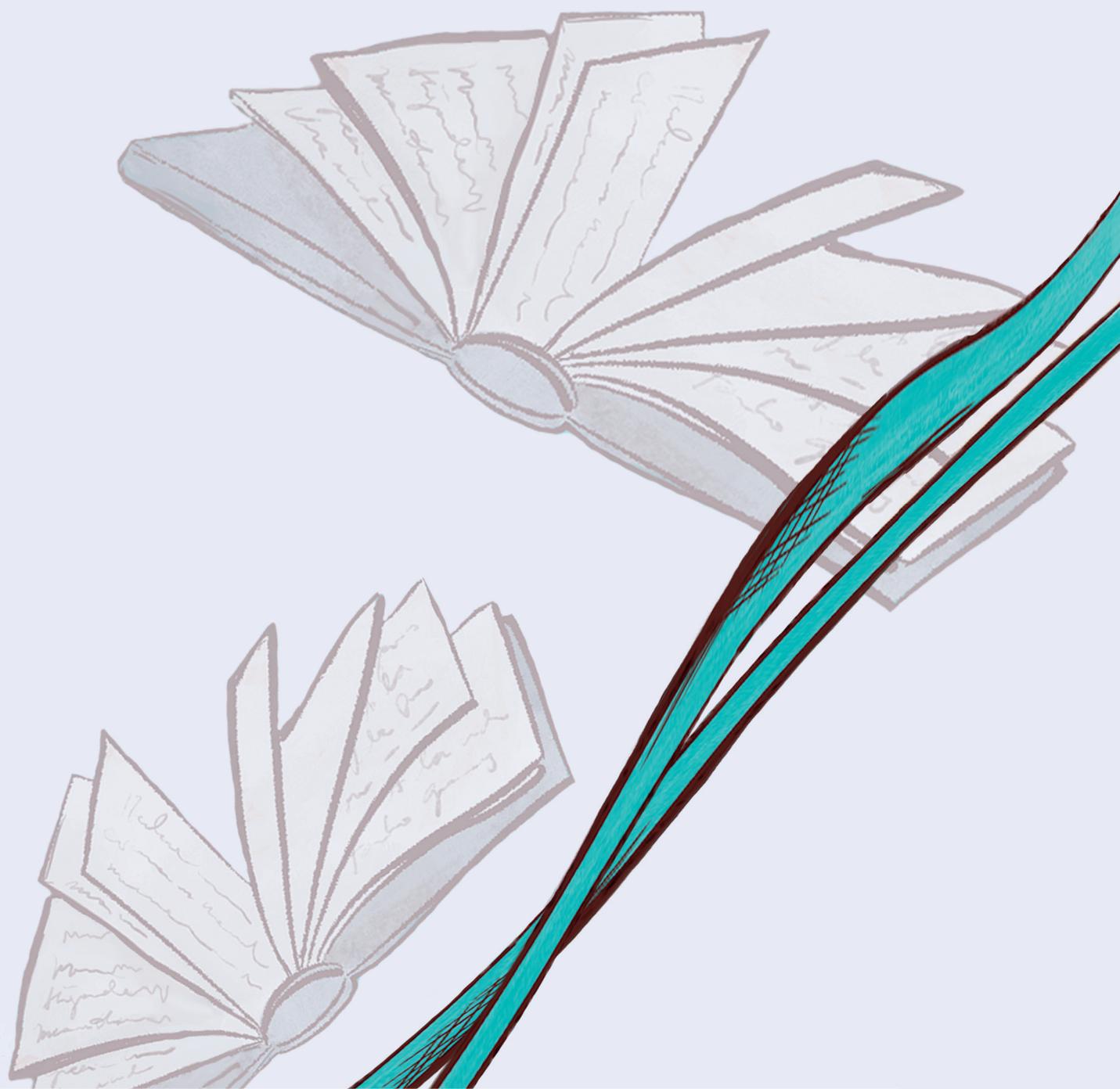
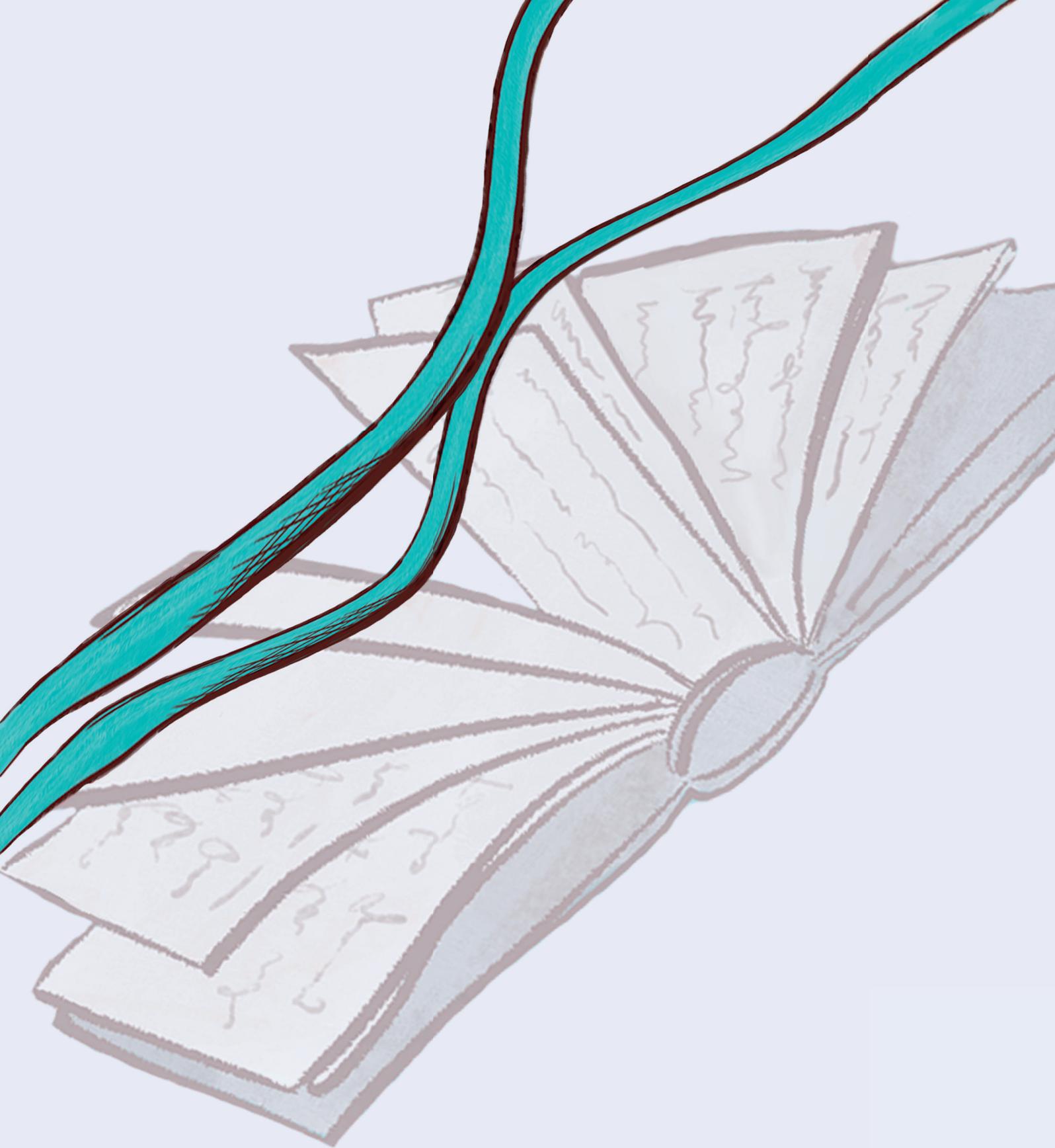


UNIBRASIL

ACADEMIA





O Ensino Superior forma profissionais? Sim, mas quais?

AUTORA:

Marion Brepohl - Doutora em História pela UNICAMP. Professora Titular em História Contemporânea da UFPR; pós doutorado pela Universidade Livre de Berlim e pela Universidade Sorbonne - Paris I. Bolsista do CNPq.

A maioria dos jovens, entre 18 e 25 anos está às voltas com perguntas decisivas em suas vidas: o universo afetivo, o sentido da vida, o sustento, a carreira. Tais questões podem parecer muito convencionais, pois não escapam ao que os pais e a sociedade esperam deles, e não somente por uma questão financeira, mas existencial; com estas, desenha-se o projeto de vida, algo em torno da imprecisa noção de felicidade. Logo, para quem pode escolher, carreira não é somente um emprego, é parte de suas realizações.

Portanto, quem está próximo a procurar os caminhos do Ensino Superior já é uma pessoa com algum poder, ao menos poder aquisitivo. Já tem o poder de fazer escolhas, que o permite deixar de pertencer àquela faixa da sociedade precarizada, à mercê da informalidade, que hoje chega a cerca de 52% no Brasil.

Iniciemos com um pequeno indício: a média dos salários para quem é formado na faculdade é de R\$ 5.000,00 contra R\$ 1.500,00 para quem não a tem. Além disto, esta pessoa pode prosseguir seus estudos e ascender na carreira; há uma razoável oferta de cursos de especialização a título de aperfeiçoamento. Às vezes, a própria organização em que a pessoa se integra, logo de início, oferece estágios ou cursos, alguns denominados MBA – Master's Business Administration), para que o profissional se adapte ao *modus operandi* da corporação. Afora o contato com as técnicas de informática, que o aproxima automaticamente de novos empregos, tanto quanto o domínio de língua estrangeira, que pode aprender nas horas vagas.

Infelizmente, temos uma baixa oferta de vagas para o ensino público gratuito. São 25% nas universidades públicas contra

75% nas privadas e como se sabe, são os alunos com maior poder aquisitivo quem ingressa nas escolas públicas; e são estes, via de regra, que estão mais preparados para a seleção nos cursos de mestrado e doutorado.

Este paradoxo se repete na concorrência pelo mercado. Nas profissões mais atrativas, são eles os mais procurados, e estas podem se classificar nesta ordem: engenharias, cursos de tecnologia, recursos humanos, administração, economia, saúde, arquitetura, ciências contábeis. A de magistério, que forma todos os demais, é a das mais desvalorizadas, mas deixemos por um instante esta questão de lado.

De todas as áreas mencionadas, exigem-se especializações cada vez mais sofisticadas. Vai-se formando a elite da elite.

É um caminho aparentemente interminável, de curso em curso, de promoção em promoção.

Para quem quer se promover, trata-se de um novo modo de vida, ao que corresponde um novo indivíduo. Isto porque as novas tecnologias exigem conhecimentos especializados e detalhados de cada trabalhador ou trabalhadora. Formam-se os experts bem remunerados e adaptados segundo às necessidades das empresas.

Segundo Gaulejac

A empresa espera que seus empregados sejam fortes, dinâmicos, competentes, disponíveis, seguros de si, capazes de enfrentar as contradições e cumprir objetivos cada vez mais ambiciosos [...] é preciso estar além das expectativas (above expectation) para ser bem avaliado. (p. 72) [...]

Do lado da empresa, a administração do projeto, o adiantamento concedido ao mérito, a qualidade total, o erro zero, os fluxos permanentes, a individualização

das gratificações e a flexibilidade são procedimentos que singularizam as carreiras, individualizam os interesses, fomentam a concorrência entre os indivíduos no interior de uma exigência de fazer sempre o melhor (2006, p. 77)¹.

Num texto esclarecedor sobre o indivíduo hipermoderno, Robert Castel o define como de uma pessoa que se forma a partir do modo de vida neoliberal, ou seja, aquele que não contesta a concorrência permanente, o individualismo, a tecnologia disruptiva, a busca do sucesso traduzido em renda. Castel observa que ao lado deste indivíduo, eufórico pelo resultado de seu produto, isolado em suas ações, permanece o medo da precarização, sim, porque a hipótese do fracasso, dada a sua instabilidade no emprego, é a mesma que a de qualquer outro trabalhador.²

Por isso mesmo, na maioria das vezes, este profissional aceita as regras da instituição. O estresse passa a ser um estilo de vida.



E é aí que quero retornar à formação do Ensino Superior: quem estamos formando e para quem estamos formando?

O escritor Byung Chul Han nos fala da sociedade do cansaço³, de um momento em que quando tudo nos exige, tornamo-nos vítimas de nós mesmos. Tanto trabalhamos que perdemos nossa criatividade, acabamos sendo vítimas de depressão e da obediência. Não por acaso, observa-se o crescimento numérico do consumo de medicamentos antidepressivos, para hiperatividade, ansiolíticos e outros. E é justamente nos estágios de pós-graduação que se observam altos índices de depressão, como atesta um estudo em Berkeley, nos Estados Unidos, que apontou o percentual de 34% de doenças deste tipo entre estudantes de doutorado.⁴

A situação se agrava quando corremos atrás de estudo e dele esperamos, porque precisamos, de aumento salarial.

Outro dia li num jornal e isto cito, sem mencionar a fonte, apenas para termos um exemplo de insensatez, o seguinte anúncio de oferta de curso de especialização:

Você quer ser uma pessoa criativa, ágil e ao mesmo tempo confiável aos olhos de seu chefe, com espírito de iniciativa, mas também profunda e reflexiva, transmitindo uma imagem de empreendedora, garantidora de resultados prontos a serem otimizados, dando no entanto espaço para os outros em sua liderança? Por R\$ X por mês, com certificado reconhecido pelo MEC, garantimos pleno êxito com nossos professores que o atendem individualmente e sem reprovação. Aqui, você é nosso cliente preferencial.

Que curso é este? O que nos promete além de acréscimo no salário? O aluno não é aluno, mas cliente. O professor não ensina, mas atende, ora, é um empregado a serviço do cliente. O conteúdo surte efeito, não ensina.



A maioria do tempo eles repetem as mesmas técnicas de maneira variada, estimulam nosso sensorial, mas são pouco propositivos. Sei que corro o risco de generalizar, afinal as mídias estão aí e delas não podemos escapar; é preciso noticiar o produto e o curso não deixa de ser um produto. Porém, em que pese a caricatura que faço, o que vislumbro como algo diferente deste tipo de ensino superior?

Penso que um bom ensino superior deveria funcionar como um antídoto a esta acumulação de certificados que respondem, de imediato, ao que o mercado aparentemente impõe. Qual o valor de se aceitar uma sociedade como esta? Montaigne afirmou que um bom método de estudo não é como encher um copo d'água, mas como acender uma vela.

A Universidade deveria, a não ser que se queira apenas formar repetidores de conhecimento, criar uma cultura de resistência. As novas tecnologias de trabalho, de qualidade total, custo zero, just-in time, etc., tolhem tanto a criatividade do profissional como o foi o sistema Taylor, no início do século XX, e isto vem de encontro à aquisição de novos saberes para o país como um todo. Há de se perguntar, por que apenas as universidades públicas produzem ciência autônoma no país (cerca de 95% do total?) Por que não se gera tecnologia própria, para transferi-la à indústria, agricultura ou ao setor de serviços como ocorre em outros países? Por que, a não ser

que nossos profissionais se empreguem nas próprias universidades, e assim mesmo, com salários baixos, eles serão meros aplicadores de saberes importados? Por que salários baixos a professores que devem exercer protagonismo no ato da criatividade?

Creio que se pode e se deve pedir exigir mais do Ensino Superior. Uma cultura de resistência. A começar pela formação do profissional em si. Que ele seja contra a deformação do desenvolvimento bruto que cause danos ao meio ambiente; que ele conteste qualquer processo produtivo que viole os Direitos Humanos; que ele seja intransigente contra qualquer sorte de violência; e, que ele se insurja contra um trabalho que não permita o desenvolvimento de sua própria criatividade.

Gostaria de mencionar um exemplo muito modesto, mas que nos serve de ilustração: o sorvete de tilápia, criado na UNIOESTE⁵. Para que? Trata-se de um alimento apropriado para pessoas que estão em tratamento contra o câncer; o alimento é gelado e sem gosto de peixe, possui muita proteína mas não fere a boca com lesões, característica das pessoas submetidas à quimioterapia. Pelo que li no jornal, não será comercializado por uma empresa nacional, e sim, portuguesa. A Universidade cria, mas não transfere tal tecnologia à indústria nacional.

É este profissional do Ensino Superior que nós perdemos e ele se perde de nós. É também o profissional que faria a tal

transferência e o registro da patente, que não existe. Muitos vão para o exterior, o que chamamos, fuga de cérebros, pois não são incorporados ao mercado brasileiro. Muitos acabam se deixando seduzir pelos salários altos do mercado estrangeiro, afinal, as pessoas gostam de ganhar bem, e não há nada de censurável nisso. Muitos desistem no meio do caminho, pois a concorrência é feroz. Alguns desistem da carreira de cientista, porque ela é demasiado demorada e verticalizada e as bolsas não o sustentam. Muitos fazem cursos oferecidos pelas empresas que os contratam e abandonam de vez a instituição que os formou.

A Instituição se reduz, para a grande maioria, à doadora do diploma, mas ela poderia ser muito mais; ser produtora de conhecimento, ser um espaço de educação continuada.

Quando fui convidada para escrever esta matéria, descobri a existência da Revista Expressão e a coloquei como prioridade em minhas leituras. Não conhecia qualquer outra como esta do Paraná. Quantos de nós temos periódicos como este em nossas leituras cotidianas, ou seja, de jornalismo científico? Notícias sobre o Ensino Superior, sobre pesquisa, sobre a cultura científica? Entendemos nosso curso superior como um momento passageiro em nossas vidas ou como uma experiência de mudança? Um lugar de educação alargada onde, como nos ensinou Hannah Arendt, decidimos se “amaremos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele? Que ele emprega, não há dúvidas, como emprega, cabe-nos decidir.

¹ GAULEJACK, Vincent de. Do assédio moral ao assédio social. In: SEIXAS, J. et all. Assédio moral. (org). Uberlândia: EDUFU, 2006. P. 71-82

² CASTEL, R. La face caché de l'individu hypermoderne ; l'individu par défaut. In: AUBERT, N. L 'individu hypermoderne. Ramonville Saintanne: Editions Ères, 2006.

³ HAN, Byung Chul. Sociedade do Cansaço. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

⁴ <https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/12/063-066-carreiras-262-1.pdf>

⁵ <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/01/13/pesquisadora-desenvolve-sorvete-a-base-de-tilapia-para-aliviar-dores-da-filha-em-tratamento-de-cancer-sabor-de-creme.ghtml>